

Veículo: *Folha de S.Paulo*

Data: 16/06/2005

Autor: Marcelo Nino

Petróleo foi razão da Guerra do Iraque, diz Blix

Considerado pelos pacifistas um dos únicos heróis da Guerra do Iraque, por ter resistido até o fim aos argumentos americanos de que Saddam Hussein possuía armas de destruição de massa, o diplomata sueco Hans Blix, na época chefe dos inspetores da ONU no país, acredita que os motivos para a invasão foram outros.

Embora relutante em apontar má fé por parte do governo de George W - "Seria irresponsável, pois não tenho provas", diz - Blix diz que Washington sabia que não havia no Iraque o tipo de armamento que serviu de justificativa para a invasão.

Pouco mais de dois anos após a queda de Saddam, Blix afirma ter "fortes suspeitas" de que a invasão foi motivada por dois interesses dos EUA. O primeiro, transferir as bases militares americanas da hostil Arábia Saudita para um país transformado em aliado. O segundo, mais importante, garantir o acesso ao petróleo.

"Havia Saddam e as armas de destruição de massa, mas por trás de tudo estava um país sedento de petróleo, que não tem perspectiva de reduzir seu consumo" disse o diplomata à Folha em São Paulo, onde dará hoje uma palestra no Instituto Fernando Henrique Cardoso.

Blix foi ministro das Relações Exteriores da Suécia (1978-1979) e diretor-geral da Agência Internacional de Energia Atômica (1981-1997) antes de chefiar a Comissão de Monitoramento, Verificação e Inspeção da ONU (Unmovic, 2000-2003).

Hoje é presidente da Comissão de Armas de Destruição de Massa, organização financiada pelo governo sueco para monitorar e incentivar os esforços de não-proliferação da comunidade internacional.

Para alguém que há tantos anos se dedica ao controle de armas atômicas, pode ser surpreendente a declaração de que a solução para os problemas causados pelo petróleo é justamente a energia nuclear. "É preciso estimular o desenvolvimento de usinas nucleares com fins pacíficos. É a melhor opção entre as fontes não-fósseis de energia. Energias solar e eólica são muito simpáticas, mas não se ilumina Xangai nem São Paulo com elas. E a energia nuclear não é hoje o que era nos anos 80. É muito mais segura", afirma.

Segundo Blix, os EUA precisam conter com urgência seu consumo de petróleo, sob o risco de causar mais turbulências políticas e econômicas. "Eles não estão sós nisso, mas são os mais sedentos. Há diferentes formas de limitar o consumo de petróleo, como a aplicação de impostos mais altos sobre a gasolina. Hoje os americanos pagam metade do que os europeus pelo combustível que move seus carros", diz.

Quanto à proliferação de armas não-convencionais, Blix aponta um paradoxo preocupante: o controle hoje, uma época sem tensões entre as grandes potências, é muito mais difícil do que durante a Guerra Fria. "O desarmamento parou no começo dos anos 90. Desde então, a Conferência de Desarmamento de Genebra não consegue sequer chegar a uma agenda. A recente Conferência de revisão do Tratado de Não-Proliferação, em Nova York, terminou sem divulgar um mísero comunicado, apesar de todos os esforços do brasileiro Sérgio de Queiroz Duarte, que a presidiu", lamenta.

Em grande parte, afirma Blix, isso se dá devido à rejeição dos EUA em renovar acordos de controle de armas. "O mais grave é que o acordo de proibição de testes nucleares foi rejeitado pelo Senado americano, e não há como forçar o mundo se os EUA não mudarem sua atitude", alerta. "Se os EUA quebrarem a moratória, outros países provavelmente farão o mesmo. E a longa marcha contra testes, que começou nos anos 60, estará perdida."